

O vale do Silício e a percepção dos motoboys e bike boys sobre o trabalho plataformizado

Ana Patrícia Dias Sales
Universidade do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, Brasil
Endereço eletrônico: ana.patricia.sales@ufrn.br

Francisco José Lima Sales
Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Rio Grande do Norte, Brasil
Endereço eletrônico: francisco.sales@ufersa.edu.br

1858

Palavras-chave: Vale do Silício. Motoboys. Plataforma. Trabalho. Uberização. Bike boys

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem sua gênese nas reflexões e problematizações suscitadas pelas mudanças processadas na base técnica do capital, na transição do século XX para o XXI, que promoveram o fenômeno da plataformização, a emergência de uma nova modalidade de trabalho e uma maior flexibilidade do mercado de trabalho.

Marca esse momento histórico um conjunto de acontecimentos advindos da crise estrutural do capital dos anos 1970 e o desenvolvimento de novas tecnologias provenientes da Revolução Técnico-Informacional e da Quarta Revolução Industrial. (Castells, 2013; Schwab, 2016).

Nessa direção, o Vale do Silício, que se origina em torno da Universidade de Stanford e do Parque industrial de Stanford, aparece como um lugar que concentrará as principais empresas tecnológicas. Ademais, assume no imaginário social a ideia de uma região mágica na qual o determinismo tecnológico salvará a humanidade, onde a prosperidade é inevitável e, o mais relevante, um lugar onde se ganha muito dinheiro com a ausência de chefes. Desta forma, essa região se fez determinante para o fortalecimento da ideologia do empreendedorismo e do trabalho plataformizado. O objetivo deste trabalho é responder as seguintes questões: O que representa o Vale do Silício na contemporaneidade? O que a ideologia do Vale do Silício oculta no tocante ao trabalho

Realização:



Apoio:



plataformizado? Qual a percepção dos trabalhadores de plataformas da cidade do Natal (RN), particularmente dos entregadores, sobre o seu trabalho?

METODOLOGIA

Este estudo é desdobramento de um projeto de pesquisa intitulado “NEXOS DA UBERIZAÇÃO: análises a partir dos trabalhadores”, que se desenvolve com a força de trabalho que presta serviços para diversas plataformas de delivery.

Para subsidiar a reflexão e dar resposta aos problemas levantados, a análise se fundamenta em autores contemporâneos estudiosos da temática. Acrescenta-se a esse referencial, a análise de dados primários resultantes de uma pesquisa desenvolvida na cidade de Natal (RN) durante os anos de 2022 e 2023¹ com trabalhadores que prestam serviços para plataformas de *delivery*. A dita pesquisa se valeu do instrumento da entrevista em profundidade para coleta de informações e contou com a colaboração de quarenta e nove respondentes, motoboys e bike boys.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O capitalismo em seu novo estágio de plataformização é operado por grandes empresas transnacionais, visceralmente ligadas ao capital financeiro. Essas empresas geram milhares de empregos, porém, na área de serviços e caracterizados como precários.

Nessa perspectiva, as relações de trabalho fazem-se sempre e cada vez mais num processo de relações institucionais de individualização. Observa-se um processo de desregulamentação de direitos, que compreende as iniciativas de eliminação de leis e conquistas da classe trabalhadora. Ademais, assiste-se ao solapamento dos trabalhos regulares, salários fixos, jornadas de trabalho predefinidas e local de trabalho físico, tal como se presenciou na era fordista.

Um dos casos paradigmáticos dessa transformação é a criação das plataformas digitais de transporte privado como a Uber e a de hospedagem Airbnb, que embora tenham em sua origem a inspiração nos sentimentos de solidariedade, compartilhamento, colaboração, ajuda mútua, entre outros valores difundidos e vendidos no e pelo Vale do

¹ Pesquisa “Nexos da uberização: análise a partir dos trabalhadores”, conduzida por uma equipe multidisciplinar de professores e estudantes da UFRN.

Realização:



Apoio:



Silício, logo se transformaram em grandes negócios privados (Slee, 2017).

Assentadas em uma racionalidade neoliberal que anda de mãos dadas com a globalização e a financeirização da economia, essas plataformas de trabalho com forte apelo publicitário mobilizam trabalhadores do mundo todo a se subordinarem a sua lógica sob a falácia do empreendedorismo, da autonomia e de ganhos de rendas desburocratizadas.

Diga-se que é a partir desses ideais de liberdade, individualidade, autonomia e empreendedorismo que essas empresas personificadas de uma “racionalidade neoliberal”, como apontam Dardot e Laval (2016), vão flexibilizando, precarizando e complexificando ainda mais o mercado de trabalho em escala global, com impactos maiores, óbvio, na periferia do sistema, que sempre assumiu uma posição de desvantagem na divisão internacional do trabalho, destacando-se, nesse contexto, o Brasil, como afirma Pochmann (2001).

A rigor, as plataformas, especificamente as de *delivery*, situam-se numa zona nebulosa no que concerne à política da gestão do trabalho, ao cálculo da aquisição da renda, entre outros, deixando o trabalhador fora dos marcos da seguridade social e do vínculo empregatício, até porque elas se assumem como mediadoras entre um prestador de serviços e a massa de consumidores (Slee, 2017).

Acrescente-se que é nesse contexto de plataformização do trabalho que a gestão algorítmica ganha proeminência, ao assumir um papel crucial no tocante à supervisão do trabalhador: controle, rastreamento da sua localização, aferição de produtividade e a avaliação do comportamento durante o serviço. Assim sendo, ajuda a difundir a ideia do fim do “chefe” e da falsa liberdade (Abílio, 2019).

Assim, operando no plano do invisível, a ideologia do Vale do Silício funda novas ideias e valores que estão aprofundando a desigualdade, reeditando formas de trabalho precárias e relegando o trabalhador à informalidade. Essa ilustração do que acontece se confirma em pesquisa que aborda o trabalho de *bike boys* e *moto boys* das plataformas de *delivery* na cidade de Natal, RN.

Há evidências de que eles têm clara consciência de que são explorados pelos aplicativos e seus algoritmos, de que trabalham em condições precárias, de que estão fora da cobertura da legislação de proteção social e de que trabalham muito e ganham pouco.

Realização:



Apoio:



Ao mesmo tempo, entretanto, é perceptível que traços do ideário do empreendedorismo os seduzem, particularmente a autonomia e a suposta liberdade no trabalho.

Percebe-se que uma porção significativa é seduzida para o labor de plataformas naquilo que o empreendedorismo comporta acerca da autonomia e liberdade que a modalidade do trabalho de plataforma promete. Nota-se resistência ao emprego fordista em que o trabalhador precisa estar num mesmo local pela mesma quantidade de horas diariamente – jornada de trabalho padronizada – e, subordinado a um chefe ou supervisor, muitas vezes autoritário. A rigor, esses aspectos, liberdade e autonomia, aparecem nas narrativas de alguns entrevistados como vantagens oferecidas por essa modalidade de emprego. Como mencionou um entregador: “eu sendo entregador por aplicativo, eu me sinto livre absoluto, né? Uma liberdade. Daí eu já entendo que eu trabalho a hora que eu quero, né? (...). Então, é como se eu tivesse liberdade para trabalhar na hora que quiser, né? Diga-se que, entre um emprego com carteira assinada engessado e um “emprego” do tipo Uber, muitos optam pela segunda alternativa.

1861

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ideário prometeico propagado pelo Vale do Silício de um novo tempo de magia no qual a tecnologia irrompe como uma oportunidade de prosperidade para o conjunto da humanidade não se realizou, assim como a ideia de que a atividade profissional por conta própria, autônoma, é uma forma superior de trabalho que facilita ganhos rápidos e liberdade.

Como percebido, o trabalho plataformizado está associado a três grandes movimentos em curso no capitalismo mundial: revoluções tecnológicas, financeirização da esfera produtiva e a subtração do papel do Estado na regulação capital versus trabalho. Estas mudanças estruturais trouxeram à tona formas pretéritas de trabalho.

O labor plataformizado, embora se apresente como uma sedutora modalidade de trabalho, não significa, entretanto, uma capitulação aos valores do Vale do Silício. Se por um lado é verdade que o ideal de autonomia e liberdade, a fuga ao trabalho fordista padronizado, é um forte atrativo para os trabalhadores de plataformas, por outro, esses mesmos trabalhadores têm consciência de que são explorados.

Realização:



Apoio:



Destaque-se ainda que muitos são empurrados a esse tipo de trabalho em função de falta de alternativas numa realidade de altas taxas de informalidade, subocupação, trabalho intermitente e desemprego.

Por fim e, mais relevante, a pesquisa junto a entregadores de aplicativos revela que o empreendedorismo propagado pela ideologia do Vale do Silício, que parte do pressuposto que o sucesso de uma pessoa, particularmente na vida laboral, depende apenas dos seus esforços, da sua performance, da sua vontade, de sua perseverança e de suas intuições visionárias, não se sustenta.

1862

REFERÊNCIAS

ABILIO, Ludmila Costhek. Uberização: Do empreendedorismo para autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, Valparaíso, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2013.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

POCHMANN, Márcio. **O emprego na globalização**: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo, 2001.

SLEE, Tom. **Uberização**: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2016.

Realização:



Apoio:

